



FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

PROPOSTA METODOLÓGICA

Eixo 3

ESCRAVIZAÇÃO, RESISTÊNCIA E FESTAS NEGRAS: A PRESENÇA NEGRA EM SANTA CATARINA

Apresentação

Esse eixo propõe discutir a presença negra no estado de Santa Catarina, problematizando discussões sobre o passado escravista na região, evidenciando outras características da vida de pessoas escravizadas, como religiosidades, a participação em irmandades leigas e a prática das festas religiosas. Por meio da construção da festa de Nossa Senhora do Rosário como uma prática cultural de pessoas negras, livres ou escravizadas, serão abordadas experiências de resistência e afirmação da identidade afro-brasileira, sendo fundamentais para pensar a configuração de um patrimônio cultural afro-brasileiro em Santa Catarina.

É fundamental que o docente promova uma discussão com os estudantes sobre a presença histórica dos negros no território catarinense, problematizando discursos que por muito tempo negou essa participação, que apresentava Santa Catarina como um pedaço da Europa (Costa, 2023). Trazer à tona a pesquisa sobre as manifestações culturais afro-brasileiras ainda presentes no estado é uma forma de reforçar e dar visibilidade à cultura afro-brasileira, além de valorizar a resistência histórica de comunidades que permanecem vivas. Essa abordagem permite que os estudantes reconheçam a importância dessas mani-

festações na construção da identidade cultural e histórica de Santa Catarina, problematizando visões que limitam o passado a presença de imigrantes açorianos e luso-brasileiros, sobretudo nas regiões litorâneas, mas também de imigrantes europeus, especialmente alemães, italianos e poloneses que adentraram o território e produziram a ideia de uma “Europa incrustada no Brasil”, associada às ideias de “superioridade racial”, “modernidade” e “progresso”. Nesse sentido, o estudo da Festa de Nossa Senhora do Rosário possibilita combater o apagamento das contribuições dos afro-brasileiros, construindo outros referenciais sobre a população negra, que reflitam a diversidade das experiências desses sujeitos históricos.

É importante enfatizar que a partir da década de 1980, em Santa Catarina, alguns pesquisadores começaram a reescrever essa história a partir da perspectiva das novas pesquisas sobre escravidão e pós-abolição, que enfatizam o protagonismo negro em diversas áreas sociais, culturais e políticas, como organização das festas e irmandades, desconstruindo a invisibilidade da população negra. Há a ampliação dos estudos sobre a contribuição da comunidade negra na história de Santa Catarina, especificamente na região do vale do Itajaí. Superando e desconstruindo a invisibilidade da população negra nessa região (Silva, 2024; Costa, 2023).

Por meio dessa abordagem, será possível reconhecer o protagonismo negro na construção da história da cidade, do estado e do país, valorizando seus saberes e reconhecendo suas lutas e conquistas. Dessa forma, contribui-se para a construção de uma consciência histórica que enfrenta a persistência do racismo e dá visibilidade às resistências negras ao longo do tempo, rompendo com o viés único da educação tradicional, eurocêntrica e discriminatória.

Diálogo interdisciplinar

O trabalho interdisciplinar é uma excelente oportunidade para explorar as contribuições da presença negra em Santa Catarina sob vários aspectos, conectando diferentes áreas do conhecimento. A seguir, sugiro algumas orientações para o desenvolvimento das atividades. A disciplina de Geografia pode discutir as transformações geográficas ao longo do tempo e como as festas refletem as condições sociais e territoriais de pessoas negras no estado. Nesse sentido, é possível discutir como a migração, as comunidades e os espaços influenciam a celebração das festas. A disciplina de Artes pode discutir o papel das imagens na preservação e na transformação da memória cultural e como ela pode ser uma forma de resistência. A Língua Portuguesa pode ampliar as questões interpretativas e problematizadoras abordadas por meio de atividades de leitura crítica, incentivando os estudantes a discutir as ideias centrais dos textos. O Ensino Religioso pode explorar questões de identidade, autoestima e representatividade nas narrativas, refletindo sobre o papel da festa religiosa como um espaço de posituação da história e cultura afro-brasileira.

Questões problematizadoras

Por que a história da população negra em Santa Catarina foi invisibilizada por tanto tempo? Como as festas negras resistiram ao apagamento cultural e se mantêm vivas até hoje? Qual é o papel da escola no combate ao racismo e na valorização das culturas afro-brasileiras?

Objetivos

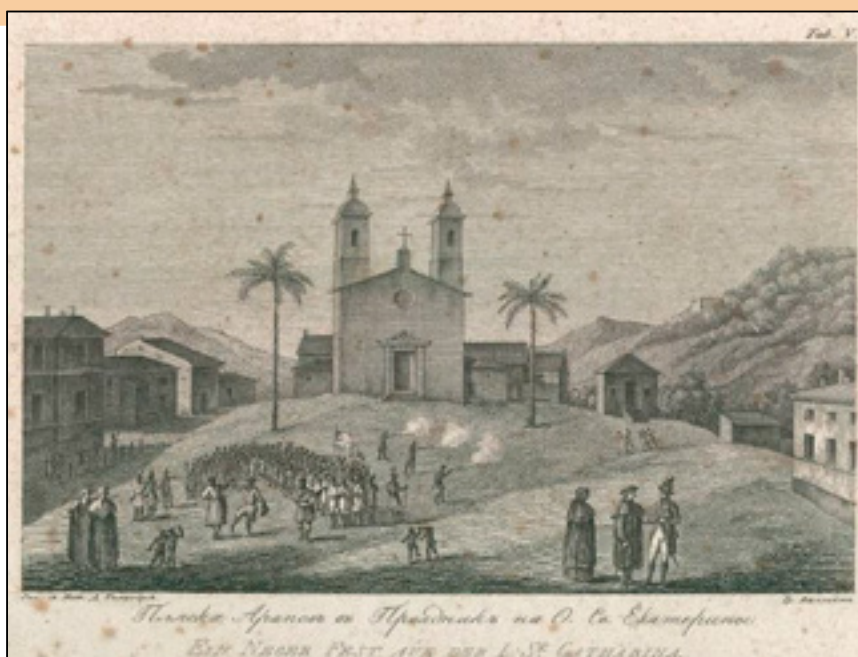
- Afirmar a contribuição negra na construção da sociedade catarinense, rompendo com as visões eurocentradas da história.
- Valorizar as festas negras como expressão viva da cultura afro-brasileira e como formas de resistência e preservação da memória.
- Refletir sobre a permanência do racismo estrutural e institucional no estado e discutir estratégias do seu combate.
- Compreender o processo de escravização da população negra em Santa Catarina e suas formas de resistência, com ênfase nas manifestações culturais presentes até hoje.

Atividade 1: Análise de imagens

Caminhos metodológicos

As atividades elaboradas para o eixo: Escravização, resistência e festas negras: A presença negra em Santa Catarina, tem como objetivo afirmar a presença negra no estado de Santa Catarina. A atividade 1 propõe a análise de duas imagens: a primeira, produzida no século XVIII, é a única representação conhecida das festas negras nesse período. Em contraponto, será proposta a análise de uma pintura realizada em 2023 para a exposição sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, que integra o acervo da Fundação Municipal de Cultura.

Imagem 1: Festa de negros na Ilha de Santa Catarina em 1806.



Fonte: W. G. von Tilesius Apud CORREA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis – Ilustrada. Florianópolis: Insular, 2005, 3. Ed; p.125.*

A iconografia foi produzida pelo naturalista Wilhelm Gottlieb von Tilesius a partir de sua visita a Desterro. Tilesius chegou à Ilha de Santa Catarina com uma expedição russa que ancorou em Desterro no dia 23 de dezembro de 1803. O naturalista Georg Heinrich von Langsdorff estava com ele nesta viagem. Ambos produziram registros importantes das festas de final de ano em Desterro. Essa imagem é um indício da existência da festa no início do século XIX, ainda que sob o olhar de um viajante europeu (W. G. von Tilesius Apud CORREA, Carlos Humberto P. História de Florianópolis – Ilustrada. Florianópolis: Insular, 2005, 3. Ed; p.125).

OBSERVE A IMAGEM E RESPONDAS ÀS QUESTÕES:

1. O que aparece na imagem? (igreja, pessoas, roupas, gestos, organização do espaço) que as pessoas estão fazendo? Há danças? Procissão? Agrupamentos?
2. Quais são os elementos que indicam se é uma festa ou uma cerimônia religiosa?
3. O que essa imagem revela sobre a presença da população negra em Santa Catarina no século XIX?
4. Essa imagem foi feita por um europeu. O que isso pode indicar sobre o olhar externo sobre as culturas afro-brasileiras?

Imagem 2: Procissão Nossa Senhora do Rosário, 2023.



Fonte: Acervo da Fundação Municipal de Cultura de Balneário Piçarras. Autora Faby Köche. 2023. Balneário Piçarras.

OBSERVE A IMAGEM E RESPONDAS ÀS QUESTÕES:

1. O que a imagem retrata? Elenque os elementos presentes na imagem.
2. O que você sente ao observar essa imagem? Que relações pode fazer com a sua própria história ou com a história da sua cidade?
3. Ao observar a imagem, quais sentimentos você consegue identificar nas pessoas que participam da cena? Além disso, você conhece outros momentos, festas ou manifestações culturais em que a cultura negra é valorizada e celebrada em Santa Catarina ou em outras regiões do Brasil?

A partir da análise das duas imagens, que retratam a Festa de Nossa Senhora do Rosário em períodos diferentes, responda às questões:

1. Quais semelhanças e diferenças você observa na forma como a Festa de Nossa Senhora do Rosário é representada nas duas imagens?
2. Que elementos das tradições africanas aparecem em cada imagem? Há mudanças na forma como são valorizados ou destacados?
3. Em relação ao protagonismo das pessoas negras, o que muda de uma imagem para a outra?
4. Considerando as duas imagens, como podemos perceber a permanência e as transformações da cultura afro-brasileira em Santa Catarina?

Atividade 2: Análise de textos

Caminhos metodológicos

Nessa atividade, a proposta é trabalhar com excertos de textos historiográficos que, por meio de fontes, analisam a presença das irmandades e festas negras em Desterro nos séculos XVIII e XIX. São trechos que apresentam perspectivas centradas na pesquisa e no uso de fontes na construção do conhecimento histórica. Abordar essas pesquisas amplia a compreensão sobre a historicidade dessas festas e práticas culturais, sendo fundamental para entendê-las como parte de um contexto social e político mais amplo.

A atividade 2 traz autores que pesquisam a presença negra no estado de Santa Catarina, especificamente as irmandades e as festas negras, assim os estudantes podem conhecer como essa presença demarca a história e cultura do estado, resistindo e buscando caminhos para continuar a tradição ao longo das décadas. São sugestões de questões interpretativas, problematizadoras e reflexivas para trabalhar com os estudantes.

A Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos em Desterro, em Florianópolis, datam do século XVIII e era nesses espaços que as festas eram organizadas. No século XVIII, foram fundadas irmandades de devotos à Nossa Senhora do Rosário, e no século XIX a São Benedito, demonstrando o cenário de uma cidade dinâmica e com a presença africana, um local movimentado com mulheres e homens trabalhadores que desenvolviam atividades na cidade

(Rascke, 2014, p. 2). As festas do Rosário em Desterro e a coroação dos reis e rainhas em honra aos santos de devoção era o evento mais importante para as irmandades, celebradas na época do Natal.

TEXTO 1

“Em Desterro, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos também manifestava sua devoção em performances em procissões homenageando santos padroeiros. Africanos/as e seus descendentes, coroados com toda a pompa, desenvolviam pelas ruas da cidade e aos arredores da Capela do Rosário, com ritmos, sons e musicalidade, práticas devocionais de um catolicismo leigo, criouliizado, permeado de elementos incorporados por populações das diásporas nas Américas.” (RASCKE, Carla Leandro. “Divertem-se então à sua maneira”: festa e morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Florianópolis (1888 a 1940). 2013. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.p. 109).

A PARTIR DO TEXTO, RESPONDA:

1. O que as irmandades nos revela sobre a organização da comunidade negra?
2. Quais elementos culturais africanos podem ter sido incorporados nessas manifestações religiosas?
3. De que forma a festa de Nossa Senhora do Rosário funcionava como formas de resistência à escravização?
4. Qual o papel da capela do Rosário nesse contexto? Ela era um espaço apenas de fé ou também de sociabilidade e organização da comunidade negra?

TEXTO 2

“Reis, rainhas, juízas e demais membros dos cortejos de coroação eram personagens das festas em devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Santa Catarina. As informações mais densas sobre as celebrações em Santa Catarina são as que ocorreram na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Desterro e, também, no interior da Ilha de Santa Catarina, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, situada na costa leste da ilha, no final do século XVIII e na primeira metade do século XIX. Por meio dos relatos dos viajantes estrangeiros, que passaram pelo Brasil no período colonial e imperial, e pela documentação de ordem pública, é possível notar que, a cada ano, eram realizadas as festas de coroação de reis negros, que juntamente com sua corte, desempenhavam papéis durante a realização das festas em homenagem aos seus santos padroeiros, com tambores, bandeiras e encenações próprias para as celebrações que ocorriam no período das festas do Natal e Ano Novo, comumente conhecidas como “ciclo natalino”. (SILVA, Jaime José dos Santos. Memórias do cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015, p. 50).

A PARTIR DO TEXTO, RESPONDA:

1. Por que as festas eram realizadas durante o “ciclo natalino”?
2. Que fontes o autor utiliza para identificar a presença das festas negras entre o final do século XVIII e na primeira metade do século XIX?
3. Qual o papel das irmandades nessas celebrações?
4. Quem eram os personagens principais das festas descritas no texto? O que essas figuras representavam dentro da comunidade negra?

TEXTO 3

“Num dia de dezembro em 1844, o preto africano forro Francisco de Quadros, vestido com seu chapéu, calça de casimira azul, colete branco e sobrecasaca de pano percorre as ruas da pequena Vila do Desterro em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, para participar de mais uma reunião da Irmandade homônima, da qual era irmão. O cenário que se descortina ao seu redor enquanto caminha é o de uma pequena vila cercada por morros, cortada por alguns riachos e fontes de água, apesar de Desterro ter sido oficialmente alçada à cidade em 1823. Acompanhando seus passos, desde a saída de sua casa na Rua da Palma, percorremos o bairro da Figueira, localizado nas imediações do porto, local de chegada de pessoas e de produtos. Talvez o nosso caminhante tenha observado o balançar das bandeirolas das canoas que vinham de outros portos da Ilha de Santa Catarina – como os do Contrato do Ribeirão, do Rio Tavares, da Lagoa, de Santo Antônio – e dos barcos e navios vindos do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, Montevidéu e Buenos Aires. Ou ouvido o burburinho das pessoas que comercializavam peixes nas canoas ao longo da praia central, o alarido de vozes de vendedores africanos e crioulos, escravos e libertos, nas barraquinhas que ficavam na praça, também, próximas à praia.” (MALAVOTA, Cláudia Mortari. *A Irmandade do Rosário e seus irmãos africanos, crioulos e pardos*. 2018, p. 83.) Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230551/Hist%C3%B3ria%20diversa%20ebook%2022dez2021.pdf?sequence=2&isAllowed=y>

A PARTIR DO TEXTO, RESPONDA:

1. Qual a importância da figura de Francisco de Quadros no contexto da história de Desterro e da presença negra na cidade?
2. Explique o significado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos para a população negra de Desterro no século XIX.
3. Qual a relação entre a irmandade e a identidade negra em Desterro no contexto descrito pelo texto?

TEXTO 4

“O povoado de Penha, tendo como centro a capelinha de Nossa Senhora da Penha, a cerca de uma légua da sede do curato São João Batista (centro da antiga Armação pesqueira) foi se fixando com uma extensão do antigo povoado, sem sofrer com a decadência da economia baleeira: “E, com a cessação completa das atividades pesqueiras, os elementos que dela dependiam foram se dispersando pelo interior, em busca de terras para cultivar, de vez que as mais próximas à capela (de São João Batista) e até de regular distância, eram propriedades de Rodrigues Pereira”. Este, cirurgião militar, que viera do Desterro (antigo nome de Florianópolis) e lá se estabelecera por volta de 1825. Vêm deste meio rural as lembranças das Festas de Nossa Senhora do Rosário, contadas pelos descendentes dos escravizados negros que a viveram. Através da memória coletiva, o grupo mantém viva a lembrança de um tempo de trabalho e de festa. O lugar de origem da comunidade e das festas que, por ser dos antigos escravizados que ali desembarcaram, ficou denominada – “a Festa dos Pretos”. (SILVA, José Bento Rosa da. Festa de preto em terra de branco: história oral, memória e identidade em Santa Catarina. 1994. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994, p. 52).

A PARTIR DO TEXTO, RESPONDA:

1. Como a memória das Festas de Nossa Senhora do Rosário foi preservada pela comunidade negra local, segundo o texto? Qual a importância da oralidade e da memória coletiva?
2. Qual a relação entre trabalho e festa nesse contexto histórico? Como os momentos festivos se articulavam com a dura realidade da escravização e do pós-escravidão?
3. O que esse trecho nos ensina sobre a presença negra em Santa Catarina, muitas vezes apagada da história oficial?

Atividade 3 - Narrativas

Caminhos metodológicos

A atividade 3 traz narrativas dos participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário, os trechos selecionados possuem especificidades que dialogam diretamente com o eixo temático proposto, enriquecendo a análise e aprofundando as reflexões. Trabalhar novamente com trechos das narrativas é essencial, pois reforça a importância dessas fontes no estudo das festas populares, valorizando os saberes e experiências da comunidade. É possível propor questões potentes e sensíveis para que os estudantes reflitam sobre o papel da festa na valorização da identidade negra, na resistência cultural e na luta contra o racismo estrutural. A escolha são de trechos das entrevistas focados na identidade, autoestima e representatividade, fundamentais para o trabalho com os estudantes.

FONTE 1

MARIA DAS GRAÇAS IGNÁCIO

Maria das Graças Ignácio nasceu em Balneário Piçarras em 1962. Participa da festa desde a infância e narra como acompanhava sua família nas celebrações. Em sua memória, ela destaca como o preconceito está presente na sociedade.

“Bom, porque na celebração não tem distinção. Não existe distinção, porque Deus não fez distinção de pessoa; não escolheu nem negros nem brancos. Então, o conteúdo da celebração está dentro desse parâmetro ali, né? Então, você para, pensa e reflete depois: existe tanto preconceito, existe, porque nós vivemos o preconceito, queira a gente queira ou não. A gente sabe que o negro é marginalizado em todas as áreas. O negro não pode exercer uma função de valor mais alto, o salário dele tem que ser menor. Por quê? Porque ele é discriminado. Então, é uma coisa assim: onde está a celebração, ela... os celebrantes fazem com que os que lá estão possam abrir os olhos para isso. Porque, hoje em dia, não é só o preconceito racial, tem preconceito social. Então, não é só de cor; há entre brancos e brancos também, sim, esse preconceito de que um e outro, quanto mais claro ou escuro, sempre estão com preconceito, não é? Então, para mim, a celebração é essencial.”



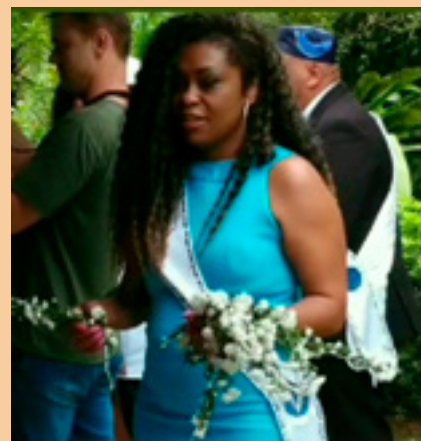
FONTE 2

IVIA FÁTIMA RODRIGUES

Ivia Fátima Rodrigues nasceu em Itajaí, em 1983. Ela representa a nova geração e participa de maneira atuante na organização da festa, junto com seus pais, Ivo e Tânia.

Trecho 1: *“Naquele dia, que todo mundo sentiu bonito - que é criança, que usa cabelo crespo, que na escola é feio - lá ela é linda. Ela é mais uma linda, que, se ela for de cabelo preso na festa ou também não for, mas, ela vai de cabelo solto. Que o menino que queria fazer uma trança, ele guarda para fazer a trança, para usar no dia da festa. Quiser usar o turbante, você usar uma maquiagem forte, quiser usar muito bijuteria, o que quiser usar - é nesse dia, é um dia de explosão, que fala de autoestima, de explosão de autoestima.”*

Trecho 2: *“Falta muita representatividade, as nossas crianças não se veem, né? Sim, as nossas crianças não se veem. E daí quando elas se veem na casa do Rosário e se veem iguais, lindas, todas... É como eu falo sempre, sim, são valorizadas. E é isso que eu penso, assim.”*



FONTE 3

MARIA CONCEIÇÃO PEREIRA

Maria Conceição Pereira, nascida em Itajaí em 1954, tem em sua trajetória a luta contra o racismo. É reconhecida como uma importante organizadora do evento desde a década de 1990.

Trecho 1: “Tem na questão política e social. E tem a questão política, tem na questão de defesa dos direitos da sociedade, enquanto população negra. É uma festa de resistência, sim, é uma festa de luta, sim, ela é religiosa, né? Mas ela não é só religiosa. Esse significado de lutar, de resistir, de mostrar a força que temos e transmitir isso para nossas filhas, os nossos netos, para os nossos jovens, esse é o significado. Essa nossa maior, a nossa maior luta é contra o racismo, é contra esse racismo estrutural.”

Trecho 2: “Sim, porque, assim, a questão racial é isso: ela precisa ser vencida a cada dia. Ela não é uma questão da população negra; a questão racial é uma questão a ser vivida por toda a sociedade. Enquanto isso não acontecer, não haverá essa tão falada igualdade racial, que é luta, luta de todos. Então, tu não precisa ser negra pra defender a questão. E a questão da Léa e do Oscar... são pessoas que sempre estiveram com a gente, sempre ajudando, sempre. A Léa é daquele jeitinho meigo, com aquele seu avental e essa faquinha na mão. Até hoje ela tá lá cortando repolho, cortando cenoura, descascando batata. Todos os anos pedindo doações. Tem não sei o que, ela pede 50 quilos de batata. Então, são pessoas envolvidas que lutam pela causa, independente da cor. Entende? Aqui não tem muito esse mito de que, pra defender a questão racial, tem que ser negro, não. Não tem que ser negro, tem que ser todos. Então, qualquer pessoa que tenha esse envolvimento, que tenha essa fé, como a Léa, uma pessoa muito devota... São essas pessoas, as pessoas que fazem parte desse contexto e que têm essa vontade, podem ser reis do Rosário.”



A partir da leitura das narrativas dos participantes da festa de Nossa Senhora do Rosário em Balneário Piçarras, responda:

1. Como a Festa do Rosário contribui para o fortalecimento da autoestima da população negra, especialmente de crianças e jovens?
2. De que maneira a ausência de representatividade afeta a construção da identidade das crianças negras no ambiente escolar e social?
3. Como as expressões culturais (como cabelos, roupas, tranças, maquiagem) se tornam formas de afirmação e valorização da negritude durante a festa?
4. Por que os participantes afirmam que a luta contra o racismo não é apenas das pessoas negras, mas de toda a sociedade?
5. De que formas os sujeitos podem transformar essa escuta em ações concretas de combate ao racismo na sociedade?

Atividade 4 - Por que precisamos falar da presença negra em Santa Catarina?

Caminhos metodológicos

A atividade 4 propõe a reflexão sobre a presença negra em Santa Catarina, onde os estudantes poderão sistematizar as questões trabalhadas ao longo dos eixos. É um momento rico de discussões e produção voltada a ampliar a discussão no espaço escolar. Este trabalho visa estimular uma análise crítica sobre o impacto das questões raciais no presente e a importância de reconhecer essas contribuições, de modo a combater o racismo estrutural tão presente na sociedade.

A partir dos textos e das narrativas apresentadas no eixo, que abordam a presença negra em Santa Catarina e sua relevante contribuição para a formação da cultura e da história do estado, os estudantes serão desafiados a refletir sobre a seguinte questão: Por que precisamos falar da presença negra em SC? Essa reflexão é essencial para o entendimento de uma história mais plural e inclusiva, que valorize a diversidade de experiências e identidades que compõem a sociedade catarinense. Ao explorar os textos e narrativas, os estudantes terão a oportunidade de compreender como a história da população negra foi silenciada ou marginalizada ao longo do tempo.

SUGESTÕES DE PRODUÇÕES:

Criação de fanzines ou revistas escolares digitais antirracistas, com artigos, imagens, poemas, depoimentos, com o objetivo de gerar debates sobre o racismo na comunidade escolar.

Identificar lugares de memória negra em Santa Catarina (como igrejas do Rosário) e fazer uma saída de campo, estimulando o reconhecimento de espaços que simbolizam a presença das populações afro-brasileiras no estado.

Para ir além

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Revista Brasileira de Educação, v. 21, p. 40–51, 2002.

A autora argumenta que a escola além de ser um espaço de saberes científicos, é também de valores, crenças e preconceitos, sendo fundamental articular educação, cultura e relações raciais. Ela explora a percepção do negro sobre seu corpo, especialmente em relação ao cabelo crespo, e que deve ser entendida em conjunto com as experiências escolares e não escolares, o que requer uma escuta atenta dos educadores. O corpo, tanto na escola quanto na sociedade, é um meio de comunicar e sua representação revela diferenças raciais historicamente construídas. Os padrões de inferioridade, influenciam as relações na escola e afetam a autoestima dos estudantes negros. A trajetória escolar tem um impacto significativo na identidade de mulheres negras, especialmente no que diz respeito ao cabelo crespo, sendo que muitas só conseguem refletir sobre essas questões em espaços onde a questão racial é abordada positivamente. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrxrHf5nTC7r/?lang=pt>

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). *Negros no Sul do Brasil: Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

Para a autora, o desconhecimento foi o pretexto para as evasivas em relação à população negra no sul. No entanto, ela reforça que toda a luta pela visibilização ao longo do século XX tem que ser considerada, pois houve resistência e recuperação da autoestima. E mais, uma fronteira étnica que diz respeito a ocupação da terra, como um importante pleito a ser consolidado. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/126236/Textos%20e%20Debates%20No%201.pdf>

SILVA, José Bento Rosa da. *Gente de Ébano a presença negra em Santa Catarina: da foz do rio Itajaí à foz do rio Tijucas (séc. XIX-XXI)*. 1ª ed. Florianópolis: Traços & Capturas, 2025.

Apresenta um amplo estudo sobre a população negra em Santa Catarina — escravizados, libertos ou livres — com base em uma extensa pesquisa realizada nas últimas décadas. Sua investigação abrange diversos documentos, incluindo algumas fontes inéditas que aparecem pela primeira vez em pesquisas. A obra destaca as histórias de sujeitos ativos que utilizaram diferentes formas de resistência à escravidão e que contribuíram significativamente para a história e a cultura do estado.

RASCKE, Carla Leandro. “Divertem-se então à sua maneira”: festa e morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Florianópolis (1888 a 1940). 2013. *Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, 2013. Disponível em:

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12774/1/Karla%20Leandro%20Rascke.pdf>

SILVA, Jaime José dos Santos. *Memórias do cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX*. 2015. *Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina*, Florianópolis, 2015.

O autor aborda a história e memória do cacumbi, dança afro brasileira com características associadas à devoção a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, registrada em Santa Catarina desde o século XIX. Ele trata especificamente a região de Tijucas, onde realizou entrevistas com antigos dançadores do cacumbi, buscando perceber a existência dessas celebrações no interior da sociedade escravocrata em Santa Catarina, ampliando o olhar sobre as celebrações afro-brasileiras no Estado. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160763>